

# Estratégias para tradução de literatura chicana

Cristiano Silva Barros<sup>143</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

## Resumo

Constituídos no contato entre a cultura hispânica do México e a cultura anglo-saxônica dos Estados Unidos, os chicanos conformam um povo que quer se afirmar como uma comunidade autônoma, híbrida e mestiça, portanto, como algo novo e diferente no contexto estadunidense. A partir de sua matriz cultural múltipla, os chicanos engendram e desenvolvem um outro modo de falar, de se expressar e expressar seu mundo e sua cosmovisão. A linguagem híbrida que daí surge tem presença marcante na literatura desse grupo, cuja proposta geral é: representar, (re)elaborar e expressar a identidade chicana; cumprir a função de instrumento de denúncia, de luta e de resistência para essa comunidade; e trazer a voz do ser chicano, materializada por seus autores no uso que fazem dessa linguagem múltipla e plural, fundante desses sujeitos. A literatura chicana, desse modo, forma parte do grande movimento pela afirmação chicana, constituindo um importante recurso para a construção identitária e para a resistência sociocultural dessa etnia. O propósito deste estudo é apresentar um conjunto de estratégias para a tradução de textos da literatura chicana, mostrando sua aplicação em um exercício tradutório do texto *Pensamiento Serpentino* (1973, 1990), do dramaturgo chicano Luis Valdez.

## Palavras-chave

Literatura chicana. Tradução de literatura chicana. Luis Valdez. *Pensamiento Serpentino*.

---

<sup>143</sup> Doutor em Estudos Literários pela Universidade do Texas. Professor Associado da Universidade Federal de Minas Gerais.

## **Introdução**

A literatura produzida pelos chicanos tem como proposta geral representar, (re)elaborar e expressar a identidade dessa comunidade, e trazer sua voz, materializada por seus autores no uso que fazem da linguagem híbrida e da alternância de códigos fundantes desses sujeitos. Além de espaço e veículo para a construção e afirmação da identidade sociocultural dos sujeitos chicanos, a literatura chicana também cumpre a função de instrumento de denúncia, de luta e de resistência para essa comunidade, já que, historicamente, ela tem sido objeto de opressão, violência, discriminação e outras formas de segregação por parte da cultura anglo dominante nos Estados Unidos, o que culminou em um importante movimento de luta nos anos sessenta. Nesse contexto, a literatura ganhou muita força e um papel crucial na batalha sociocultural travada pelos chicanos, sendo alavancada e projetada como uma das principais ferramentas de resistência no campo simbólico e ideológico:

Ativo entre os anos de 1966 e 1977, o Movimento catalisou forças e ações provindas de diversos setores sociais para exigir transformações políticas, sociais e culturais que possibilitassem a promoção da justiça e da igualdade social em relação às comunidades chicanas, enquanto grupos minoritários que compunham a população estadunidense na época. Além disso, [...], as ações e políticas postas em prática a partir dessa emergência de uma consciência cultural influenciaram o surgimento e a inauguração de uma literatura nomeadamente chicana, conforme é entendida nos dias de hoje. (BUENO, 2016, p. 70).

A literatura chicana, portanto, passa a formar parte do grande movimento pela afirmação chicana, constituindo um importante recurso para a construção identitária e para a resistência sociocultural dessa etnia. Como instrumento de resistência, expõe e denuncia os problemas que afetam sua comunidade, a condição à qual está submetida em seu contexto, sinalizando, ao mesmo tempo, caminhos e possibilidades para a superação e a emancipação. Enquanto veículo de expressão identitária, essa produção literária coloca em cena os elementos e aspectos relativos à vida, à cultura, à história, à tradição e à cosmovisão do povo chicano, reafirmando-os e valorizando-os. Também atendendo a essa dimensão identitária, a literatura chicana se tece por meio da linguagem dessa etnia, atribuindo-lhe outro papel e outra representação (de língua autônoma), e contribuindo para tirá-la da situação de estigmatização e de discriminação em que sempre esteve colocada. Os escritores chicanos, por meio de seus textos literários, “declaram-se híbridos e reivindicam o direito de escolher a sua própria identidade, a de indivíduos mestiços,

sentem-se mexicanos e estadunidenses, e tentam demonstrar que é possível conciliar ambas as influências [...]” (PONZ, 2007, p. 139, tradução nossa)<sup>144</sup>.

A partir do antes dito, podemos questionar: como levar textos do sistema literário chicano para leitores de outras comunidades e culturas? Quais são os desafios para a tradução dessa literatura a outros idiomas, como o português, por exemplo? Ao tentar responder a essas perguntas, fica evidente que estamos diante de uma tarefa complexa, que exige reflexões e estratégias específicas para lidar com textos multilíngues. Desse modo, o objetivo deste estudo é apresentar um conjunto de estratégias para a tradução de textos da literatura chicana, e mostrar sua aplicação em um exercício tradutório do texto *Pensamiento Serpentino* (1973, 1990), do dramaturgo chicano Luis Valdez. Busca-se averiguar se tais estratégias permitem realizar uma tradução dialógica e polifônica desses textos híbridos, que preserve a pluralidade de vozes e a multiplicidade linguística do original, bem como o caráter identitário e de resistência de tais produções literárias.

### 1 *Pensamiento Serpentino*, de Luis Valdez

A obra *Pensamiento Serpentino* foi produzida pela primeira vez em 1967 pelo grupo *El Teatro Campesino*, publicada anos depois, em 1973, e republicada em 1990, sendo esta última a versão utilizada no presente estudo. Seu título remete a Quetzalcóatl, a serpente emplumada asteca, híbrida e mestiça em sua essência, importante entidade na qual Valdez se baseia para construir o imaginário e o fundo de seu texto (SLOAN, 2020, p. 111). Desse modo, o título evoca e conduz a uma pluralidade de sentidos, elementos, simbologias, ideias e reflexões, por meio de uma lógica diferente – dinâmica, em espiral, não linear –, um outro modo de pensar, uma outra cosmovisão, um outro modo de ver o mundo e o ser humano.

Esse texto de Valdez traz uma visão que não se pauta apenas pela linha reta da racionalidade, mas sim que se enrola como uma serpente, refletindo a complexidade, a tortuosidade, os limites, os não-limites, enfim, a multifacética, poliédrica e entrecruzada realidade da condição humana. O pensamento serpentino, portanto, é cíclico e renasce com a troca de sua superfície e o surgimento de algo novo, renovado, como a serpente

---

<sup>144</sup> “se declaran híbridos y reclaman su derecho a escoger su propia identidad, la de individuos mestizos, se sienten mexicanos y estadounidenses, y tratan de demostrar que es posible aunar ambas influencias [...]”

quando troca sua pele. É aquele que leva a uma renovação, a uma recriação, a uma mudança, a uma transformação de si e das realidades espiritual e material do sujeito. Aquele que guia e orienta o processo de retirada da pele e das camadas de colonizações que foram impostas historicamente aos chicanos, fazendo com que surja e cresça uma nova pele, a chicana, e uma nova realidade, na qual esse povo renasça autônomo, protagonista, pleno:

À medida em que a serpente mudava sua pele para emergir rejuvenescida, mostrava-se ao público, por analogia, que certas condições também podem mudar, que os Chicanos, em última instância, são capazes de resistir à repressão e ao conflito interno. [...] Como constatou o dramaturgo, “La nueva realidad nace de la realidad vieja”—uma nova realidade nasce da velha. (XAVIER, 1999, p. 186, tradução nossa)<sup>145</sup>.

Assim, o texto aborda e afirma a identidade e os direitos dos chicanos, constituindo um chamado para a ação coletiva, revolucionária, solidária, humanizadora, e enfatizando a importância das raízes e origens indígenas para a compreensão, elevação, evolução e transformação da consciência, da comunidade, da condição e da realidade chicanas:

A realidade, então, é transformação e metamorfose. Esse é o tema central de *Pensamiento Serpentino*—que o/a Chicano/a deve se transformar, passando de um estado a outro, assim como a serpente renovada. Por terem sido conquistados e colonizados, o/a Mexicano/a e o/a Chicano/a se esqueceram de suas raízes ancestrais mesoamericanas e assumiram a cultura dos colonizadores. Somente reconectando-se a essas raízes, por meio do reaprendizado da história, da filosofia e da espiritualidade mexicanas pré-hispânicas, o/a Chicano/a será libertado/a. O/A Chicano/a, diz Valdez, “deve se mexicanizar,” livrando-se das “armadilhas culturais” de um mundo dominado pela influência europeia. O caminho para essa libertação é encontrado por meio de textos antigos como o *Popol Vuh* e figuras como Quetzalcóatl. (SLOAN, 2020, p. 113, tradução nossa)<sup>146</sup>.

O elemento fundante de *Pensamiento Serpentino*, seu mote e sua essência, é o preceito atemporal maia “In Lak’Ech, Tú eres mi otro Yo (You are my other Self; Você é meu outro Eu)”, relacionado à definição maia de ser humano como parte vibrante de

---

<sup>145</sup> “As the serpent shed its skin to emerge rejuvenated, audiences were shown by analogy that certain conditions also change, that Chicanos ultimately have the ability to withstand repression and internal strife. [...] As the playwright observed, ‘La nueva realidad nace de la realidad vieja’—a new reality is born of the old.”

<sup>146</sup> “Reality, then, is about transformation and metamorphosis. This is the central theme of *Pensamiento Serpentino*—that the Chicancx must undergo a transformation from one state to another, much like the molting serpent. Having been conquered and colonized, the Mexican and the Chicancx have forgotten their ancient Mesoamerican roots and have taken on the culture of the colonizers. Only by reconnecting with that heritage, by relearning pre-Hispanic Mexican history, philosophy, and spirituality, can the Chicancx be liberated. The Chicancx, Valdez says, “must Mexicanize himself,” leaving behind the “cultural traps” of a world dominated by European influence. The path to this liberation is to be found through ancient texts like the *Popol Vuh* and figures like Quetzalcóatl.”

um universo em vibração vital:

A expressão “in lak’ech,” que Valdez traduz como “tú eres mi otro yo,” serviu como regra de ouro tanto para sua filosofia, quanto para o sistema de treinamento que ele concebeu. Em 1984, ele a relacionou à “Terceira Lei de Newton: para toda ação há uma reação igual, em sentido contrário. De maneira que se eu fizer algo a você, isso vai retornar para mim. Vai me atingir. Eu não estou separado ou desconectado de você.” (SLOAN, 2020, p. 114-115, tradução nossa)<sup>147</sup>.

Como se pode constatar, a ideia básica é a de que a humanidade é interdependente e cada um de nós é parte de um todo. Somos espelhos uns dos outros, pois somos nós mesmos, mas, ao mesmo tempo, somos os outros; somos todos, portanto, resultados de fusões e hibridismos, e estamos interconectados. A pluralidade e a diferença, nessa visão, formam uma união, uma conexão, e ter consciência disso permite a convivência, o respeito, a solidariedade, a tolerância, a aceitação, enfim, a libertação e a evolução humanas.

Em seu *Pensamiento Serpentino*, Valdez “insiste [...] que o/a Chicano/a deve aceitar a si mesmo, acolhendo a identidade Chicana, em vez de tentar assimilar uma identidade europeia” (SLOAN, 2020, p. 118, tradução nossa)<sup>148</sup>. Isso revela a busca por afirmação identitária presente na literatura chicana daquele momento, bem como seu caráter de resistência e de luta: “o ensaio poético de Valdez, portanto, não é apenas um manifesto artístico; ele também constitui um guia para construir e afirmar poder político e cultural. É um modo de teorizar sobre como esse poder pode ser alcançado” (SLOAN, 2020, p. 119, tradução nossa)<sup>149</sup>.

Finalmente, cabe destacar que, ainda que o autor esteja dialogando com sua comunidade, ele também se refere à humanidade em geral, já que somos todos um só, partes de um todo. Daí vem a defesa do amor a si mesmo e aos demais, como base para a convivência, o respeito, a tolerância, enfim, para a humanização: o que fazemos aos outros, ao mundo, à natureza, ao universo, volta para nós, pois somos parte de tudo isso. Passemos agora a discutir e exemplificar estratégias que possam viabilizar e permitir o

<sup>147</sup> “The phrase ‘in lak’ech,’ which Valdez translates to ‘tú eres mi otro yo,’ served as a golden rule for both his philosophy and the training system he devised. In 1984, he likened it to ‘Newton’s Third law of motion: for every action there is an opposite and equal reaction. So that if I do something to you, it’s going to come back to me. It’s going to hit me. I am not separated or apart from you.’”

<sup>148</sup> “insists [...] that the Chicana must embrace the self by embracing Chicana identity, rather than attempting to assimilate into a European one.”

<sup>149</sup> “Valdez’s poetic essay, then, is not merely an artistic manifesto; it also represents a prescription for building and asserting cultural and political power. It is a way of theorizing how that power might be attained.”

cumprimento de um horizonte mais hibridizante no trabalho tradutório com textos literários chicanos.

## 2 Estratégias para tradução de literatura chicana

Claire Joysmith, ao falar da tradução de textos narrativos e poéticos de escritoras chicanas para o público mexicano, sugere que “possíveis marcadores alternativos poderiam ser deixar algumas palavras em inglês, como elas aparecem no texto original, optando, como uma estratégia de resistência alternativa, por *não* as traduzir para o espanhol” (JOYSMITH, 1996, p. 105, tradução nossa)<sup>150</sup>. Isso pode ser feito por meio da manutenção (ou da inclusão), no texto meta, de nomes, interjeições, vocativos, vocábulos, termos, expressões e até frases inteiras no outro idioma, sobretudo, quando forem mais acessíveis ao leitor meta.

Sendo possível, e não dificultando a compreensão por parte do leitor, pode-se manter tais elementos nos mesmos lugares em que aparecem no original; quando isso não for possível, podem-se fazer inserções e inclusões usando-se a lei da compensação, cuja aplicação “ocorre ‘quando uma perda de significado, de efeito sonoro, de metáfora ou de efeito pragmático em uma parte de uma frase é compensada em outra parte, ou em uma frase próxima’ (Newmark 1988:90)” (GARCÍA VIZCAÍNO, 2008, p. 218, tradução nossa)<sup>151</sup>.

Esse gesto tradutório é muito comum em traduções híbridas e pode ser constatado em várias traduções de textos chicanos, como mostra Carra, ao analisar a tradução, feita em 2008 por Achy Obejas, escritora cubana que cresceu nos Estados Unidos, da obra *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao* (2007), do escritor dominicano Junot Díaz: “Na tradução aqui analisada são utilizadas diversas estratégias com o objetivo de manter a mudança linguística e de criar um texto o mais próximo possível das características do original” (CARRA, 2011, p. 172, tradução nossa)<sup>152</sup>. Entre as estratégias usadas pela tradutora para hibridizar seu texto, Carra menciona, de modo geral, “uma compensação acrescentando mudança linguística em diversos lugares do TM, já

---

<sup>150</sup> “possible alternative markers could be to leave certain words in English as they appear in the original text, choosing, as an alternate resistance strategy, not to translate them into Spanish.”

<sup>151</sup> “occurs ‘when loss of meaning, sound-effect, metaphor or pragmatic effect in one part of a sentence is compensated in another part, or in a contiguous sentence’ (Newmark 1988:90).”

<sup>152</sup> “En la traducción que se analiza aquí se llevan a cabo diversas estrategias con el fin de mantener el cambio de código y de crear un texto lo más cercano posible a las características del original.”

que em raras ocasiões pode manter essa característica nos mesmos trechos do TO” (CARRA, 2011, p. 172, tradução nossa)<sup>153</sup>. Desse modo, conclui com seu estudo que “Uma das estratégias mais utilizadas na tradução se baseia na compensação da perda de mudança linguística por meio do acréscimo de palavras ou expressões em inglês em outros lugares do texto” (CARRA, 2011, p. 173, tradução nossa)<sup>154</sup>.

Também Ocaña e Zaro, em seu exercício tradutório de capítulos da obra *From This Wicked Patch of Dust* (2011), de Sergio Troncoso, escritor chicano, valem-se da manutenção da alternância linguística presente no original (OCAÑA; ZARO, 2014, p. 264; p. 265), bem como do “Uso da compensação e da inserção de termos sem tradução” (OCAÑA; ZARO, 2014, p. 258, tradução nossa)<sup>155</sup>. Tais ações lhes possibilitam “fugir parcialmente das normas que regem a língua de chegada e ousar recriar o estilo do autor no texto traduzido” (OCAÑA; ZARO, 2014, p. 254, tradução nossa)<sup>156</sup>, fazendo com que o texto de chegada incorpore certo nível de mudança de códigos linguísticos, o que aproxima o leitor meta do universo cultural, linguístico, literário e identitário do texto fonte.

Comentemos um exemplo do uso de estratégias de manutenção e de compensação, com a tradução do fragmento em que aparece o mote central do texto de Valdez:

Texto original	Texto traduzido
just look at their moral concept IN LAK'ECH: <i>Tú Eres Mi Otro Yo</i> (VALDEZ, 1990, p. 173)	basta ver seu preceito moral IN LAK'ECH: <i>Você É Meu Otro Yo, My Self</i>

Nesse caso, são mantidas a língua indígena (“IN LAK'ECH”) e a língua espanhola (“*Otro Yo*”), juntamente com a inserção do português (“*Você É Meu*”) e o acréscimo/a inclusão do inglês, por meio de uma expressão de fácil acesso ao leitor meta (“*My Self*”). Desse modo, realiza-se uma ampliação da alternância de códigos presente no original, compensando perdas ocorridas em outros pontos, e uma potencialização do sentido do preceito maia, incluindo, integrando e dialogando quatro línguas e culturas:

<sup>153</sup> “una compensación añadiendo cambio de código en diversos lugares del TM, ya que en escasas ocasiones puede mantener esta característica en los mismos pasajes del TO.”

<sup>154</sup> “Una de las estrategias más usadas en la traducción se basa en la compensación de la pérdida de cambio de código mediante el añadido de vocablos o expresiones en inglés en otros lugares del texto.”

<sup>155</sup> “Uso de la compensación y de la inserción del término sin traducción.”

<sup>156</sup> “obviar parcialmente las normas que rigen la lengua de llegada y atreverse a recrear el estilo del autor en el texto traducido.”

indígena, espanhol, português e inglês. Tal ação converte, assim, a escrita do preceito em uma representação ainda mais intensa de si mesmo, reforçando seu significado, sua mensagem, seu alcance e seu poder sociocultural.

Relacionada à estratégia de manutenção, inserção e compensação de alternância de códigos, constituindo um desdobramento dela, aparece com muita frequência em traduções multilíngues a manutenção, em outras línguas, de termos de forte carga cultural, presentes no texto de origem. Isso ocorre, por exemplo, com elementos relacionados a gastronomia, como mostra Carra, ao analisar a tradução feita por Liliana Valenzuela da obra *Caramelo or Puro Cuento* (2002), de Sandra Cisneros, escritora chicana: dado o caráter cultural muito marcado do universo gastronômico, em sua grande maioria, são mantidos os termos originais, tanto do espanhol, quanto do inglês (CARRA, 2004, p. 55).

Igualmente, são mantidos em idiomas diferentes nomes, palavras e expressões ligadas a tradições, religião, costumes, história, geografia, entre outros. Essa foi a decisão revelada por Bojanini, ao descrever e comentar seu processo tradutório da obra *Rituals of Survival: A Woman's Portfolio* (1985), de Nicholasa Mohr, escritora de ascendência porto-riquenha nascida em Nova Iorque:

manteria iguais os nomes das pessoas, por exemplo, Inez (como pronunciaria um estadunidense) e não Inés, Benjamin em vez de Benjamín, deixaria os nomes de lugares dos Estados Unidos como são conhecidos em inglês, por exemplo, não traduziria *New York*, nem *New Jersey*, nem os nomes das universidades, das ruas etc. Ainda que aparentemente fossem mudanças pequenas, sentia que podiam deslocar um pouco o leitor a outro contexto. (BOJANINI, 2008, p. 29, tradução nossa)<sup>157</sup>.

A manutenção em outros idiomas de aspectos culturais fortemente marcados leva a outra estratégia frequentemente utilizada em traduções desse tipo: o uso de explicações e esclarecimentos de modo extratextual, por meio, por exemplo, de notas de rodapé, asteriscos, anotações etc. Joysmith recomenda o “uso de notas de rodapé explicativas ou asteriscos, o que às vezes é uma alternativa necessária em ‘traduções culturais’ como essas” (JOYSMITH, 1996, p. 106, tradução nossa)<sup>158</sup>. Para a autora, esse gesto gera processos e resultados tradutórios diferenciados e peculiares, o que também

<sup>157</sup> “conservaría iguales los nombres propios de la gente p.e Inez (como lo pronunciaria un estadounidense) y no Inés, Benjamin en vez de Benjamín, dejaría los nombres de los lugares en Estados Unidos como se conocen en inglés, p.e. no traduciría *New York*, ni *New Jersey*, ni los nombres de las universidades, de las calles, etc. Aunque aparentemente eran cambios nimios, sentía que lograban desplazar un poco al lector hacia otro contexto.”

<sup>158</sup> “use of explanatory footnotes or asterisks, which is at times a necessary alternative in such ‘cultural translations.’”

contribui para certa estrangeirização do texto meta, já que, “Como o processo de ‘tradução’ aqui é cultural, além de linguístico, o resultado, nesse caso, é uma tradução muito incomum, uma vez que muita coisa permanece não traduzida e requer explicação” (JOYSMITH, 1996, p. 106, tradução nossa)<sup>159</sup>.

Comentemos um exemplo envolvendo o uso das estratégias anteriores:

Texto original	Texto traduzido
IF HE IS NOT LIBERATED FIRST BY HIS PROPIO PUEBLO BY HIS POPOL VUH HIS CHILAM BALAM HIS CHICHEN ITZA KUKULCAN, GUCUMATZ, QUETZALCOATL. (VALDEZ, 1990, p. 173)	SE ELE NÃO FOR LIBERTADO PRIMEIRO POR SEU PROPIO PUEBLO POR SEU POPOL VUH <sup>1</sup> SEU CHILAM BALAM <sup>2</sup> SEU CHICHEN ITZA <sup>3</sup> KUKULCAN, GUCUMATZ, QUETZALCOATL. <sup>4</sup>

Há aqui a manutenção da mudança linguística do texto fonte, valendo-se de uma expressão acessível ao leitor meta (“PROPIO PUEBLO”), e a manutenção dos vários elementos de forte carga cultural que aparecem no trecho. Tais elementos se referem a, e resgatam as origens indígenas do povo chicano, tendo, portanto, um importante papel na afirmação identitária e na resistência cultural que traz o texto de partida; assim, são mantidos em sua língua original no texto de chegada, o que aproxima o leitor meta dessa identidade chicana híbrida, mestiça e plural, construída e defendida pelo texto de Valdez. O leitor, com isso, é levado a conhecer, a entrar em contato e a interagir de modo mais profundo com o Outro, por meio de um momento fortemente estrangeirizado do texto traduzido.

Para guiar e ajudar o leitor em seu processo de compreensão e diálogo com essa alteridade tão marcada, tão forte e tão presente nesse ponto da tradução, usou-se o recurso da inserção de nota de rodapé para explicar esses elementos “estranhos” ao leitor – mas que, ao mesmo tempo, o aproximam e o fazem compreender mais o universo, a cultura, a identidade e a luta do povo chicano –, o que funcionou também como modo de (in)formá-lo com relação a esse grupo:

<sup>1</sup> Livro sagrado dos maias, que narra a criação do mundo, dos homens e de todas as coisas, segundo a cosmovisão e as tradições desse povo.

<sup>2</sup> O termo se refere aos livros antigos que reúnem textos diversos sobre aspectos variados da vida e da cultura do povo maia: história, religião, profecias, medicina, mitologias, astronomia, rituais etc.

<sup>3</sup> Importante cidade construída pela civilização maia; constituía um grande

<sup>159</sup> “Since the ‘translation’ process here is cultural as well as linguistic, the outcome is, in this case, a very unusual translated version, since much remains untranslated and requires annotation.”

centro urbano que funcionou por muito tempo como polo econômico, político, cultural e religioso para esse povo.

<sup>4</sup> Os termos se referem a uma importante divindade presente nas culturas mesoamericanas, representada pela figura híbrida de uma serpente emplumada, fusão e mestiçagem de serpente e águia, considerada a responsável pela criação do universo, da humanidade e de todas as coisas; os dois primeiros são nomes dados a esse deus pelos povos maias, e o terceiro, pelos astecas. (Elaborado pelo autor/tradutor).

Como se pode constatar, as notas explicativas relacionadas a aspectos mais distantes para o leitor de chegada reduzem essa distância, possibilitam conhecer melhor o mundo e a cosmovisão do Outro, trazendo-o para perto do leitor, e ao mesmo tempo levando o leitor até o texto fonte para encontrar esse Outro em seu próprio mundo, promovendo, assim, uma experiência de aprendizado e de deslocamento, que gera convivência, convergência, compartilhamento e empatia. Esse gesto faz com que o leitor meta saia do lugar de uma suposta estabilidade identitária, para se reconstruir, se reconfigurar, se reelaborar e se redefinir como sujeito sociocultural, por meio dessa aproximação e desse encontro com o Outro, sendo levado, igualmente, a familiarizar-se e a identificar-se mais com esse Outro.

Enquanto as notas constituem informações elucidativas extratextuais, oferecidas de modo periférico ao texto traduzido, outra estratégia utilizada por traduções multilíngues é o uso intratextual de algum recurso (por exemplo, explicitação, explicação, sinônimo, entre outros) que esclareça ao leitor, dentro da própria tessitura do texto meta, o significado de um termo ou expressão que esteja em uma língua diferente daquela que predomina na tradução. Conforme define García Vizcaíno, “a técnica de explicitação consiste em acrescentar na tradução alguma informação que não está no texto fonte, por várias razões e com diferentes propósitos” (GARCÍA VIZCAÍNO, 2008, p. 217, tradução nossa)<sup>160</sup>. No exemplo a seguir, observa-se como essa estratégia pode ser usada:

Texto original	Texto traduzido
despojando su pellejo viejo to emerge clean and fresh la nueva realidad nace de la realidad vieja (VALDEZ, 1990, p. 172)	livrando-se de sua velha casca para emergir clean and fresh, renovada a nova realidade nasce de la realidad vieja

Para compensar a tradução de “to emerge”, mantém-se a alternância

<sup>160</sup> “the explicitation technique consists of adding some information to the translation that is not in the source text for several reasons and purposes.”

linguística por meio da permanência da expressão em inglês “clean and fresh”, porém, com o acréscimo imediato de uma palavra explicativa (“renovada”), cuja função é reforçar e clarear para o leitor o sentido da expressão anterior. A frase em espanhol “de la realidad vieja” é mantida, como modo de aumentar a mudança de códigos no trecho e compensar perdas nele ou em outros pontos do texto meta. Caso a palavra “vieja” possa causar algum ruído na compreensão da ideia pelo leitor, ressalta-se que o contexto em que a palavra aparece contribui e serve de apoio para seu entendimento, já que claramente se opõe à realidade nova, renovada, renascida, e, em algumas linhas acima, aparece sua tradução, “velha”, reforçando ainda mais a oposição criada no fragmento. Esse recurso se configura também como uma estratégia que auxilia o leitor meta em seu trabalho de interpretação da manutenção e da compensação da alternância de códigos no texto traduzido: efetivá-las em lugares do texto nos quais o contexto em que aparecem pode servir como apoio para a compreensão de palavras, expressões ou frases das outras línguas. Como afirma Carra, “As estratégias que os tradutores já utilizam e aquelas que podem ser elaboradas em futuras traduções assumirão que o leitor possa compreender o que for incluído em outro idioma pela informação fornecida pelo contexto” (CARRA, 2013, p. 139, tradução nossa)<sup>161</sup>.

A manutenção da frase “de la realidad vieja” se favorece, igualmente, pela proximidade da palavra “realidad” com o português, o que contribui para a compreensão da frase em espanhol pelo leitor brasileiro. Observe-se que no original há a repetição dessa palavra, assim, na tradução optou-se pelo seu uso em duas línguas, o que dá mais acesso ao leitor e potencializa o hibridismo linguístico do texto, sem comprometer ou dificultar o entendimento de quem lê. O mesmo ocorre com a palavra “vieja”, que, também por aparecer no início do trecho, sendo traduzida por “velha” nesse ponto, teve sua permanência ao final facilitada, para substituir sua repetição no original pelo aumento da mudança de línguas no texto de chegada.

Esse procedimento nos leva a outra estratégia frequente nesse tipo de trabalho tradutório: a autotradução, ou a tradução interna, próxima, de termos, palavras, expressões e frases que apareçam em outro idioma no texto meta (OCAÑA; ZARO, 2014, p. 262). O objetivo desse recurso é manter, compensar e ampliar o multilinguismo do texto traduzido, reforçar ideias e sentidos, e auxiliar o leitor meta na compreensão e

---

<sup>161</sup> “Las estrategias que los traductores ya utilizan y las que probablemente se desarrollen en futuras traducciones supondrán que el lector pueda comprender por la información que le proporciona el contexto lo que se incluye en otro idioma.”

interpretação de elementos de outras línguas presentes na tradução. Essa estratégia pode ser vista no fragmento que segue:

<b>Texto original</b>	<b>Texto traduzido</b>
pero underneath it all is the truth the Spiritual Truth that determines all materia (VALDEZ, 1990, p. 170)	mas por trás de tudo isso está la verdad a Verdade Espiritual que rege toda matéria

Nesse fragmento, os termos em espanhol “materia” e “pero” são traduzidos para o português, e esta perda é compensada por meio da substituição da repetição da palavra “truth” no original por uma autotradução (“verdad”, “Verdade”). Por serem palavras próximas e muito semelhantes entre si, o texto se torna ainda mais acessível e compreensível para o leitor, e, ao mesmo tempo, preserva a alternância de códigos presente no original.

Como já foi dito antes, além de contribuir para uma maior compreensão do texto traduzido pelo leitor meta, a estratégia da autotradução pode também ser usada para reforçar ideias e sentidos do texto original, e ampliar/compensar a mudança de códigos na tradução. Isso pode ser realizado por meio de sua aplicação em lugares em que não aparece no original, sendo, portanto, acrescentada pelo tradutor, em um gesto de intervenção, autonomia, coautoria e recriação, que esse tipo de ato tradutório requer. O exemplo abaixo corrobora essa proposta:

<b>Texto original</b>	<b>Texto traduzido</b>
But, above all to be CHICANO is to LOVE GOD. (VALDEZ, 1990, p. 175)	Mas, acima de tudo ser CHICANO é TO LOVE GOD, AMAR A DEUS.

No fragmento citado, percebe-se a manutenção de uma expressão em inglês (“TO LOVE GOD”), com acréscimo próximo de sua tradução (“AMAR A DEUS”), o que auxilia seu entendimento, ao mesmo tempo em que reforça e potencializa o sentido e a força do que se expressa no original. Deve-se ressaltar que a palavra “love” é de fácil acesso e interpretação por parte do leitor brasileiro, e, portanto, contribui ainda mais para a compreensão e para o reforço discursivo construído no texto de chegada.

Outro recurso bastante usado nas traduções de textos híbridos e multilíngues, derivado da presença de elementos de outras línguas no texto meta, é o uso de marcas gráficas como aspas, itálico ou negrito. Seguindo regras e técnicas mais gerais de redação,

esses recursos indicam que tais elementos vieram diretamente do original, quando for o caso, ou marcam as palavras de origem estrangeira presentes no texto. Além desses propósitos mais genéricos, essas marcas têm o objetivo de ressaltar a presença de elementos provenientes de outras línguas (JOYSMITH, 1996, p. 105), reforçando e explicitando para o leitor de chegada o ato, realizado pelo texto meta, de promover o contato e o encontro com outras culturas, outros povos e sujeitos, indicando, e afirmando, os lugares em que o Outro se insere e dialoga com o leitor. Desse modo, esses recursos gráficos servem para destacar no texto traduzido a presença linguística, cultural, política, ideológica, identitária, e subversiva, do Outro.

Essa estratégia é explorada por Bueno em seus trabalhos, nos quais se debruça sobre a obra *Borderlands/La Frontera – The New Mestiza* (2007), da escritora e pesquisadora chicana Gloria Anzaldúa, e discute possibilidades tradutórias para a língua portuguesa da referida obra. Em suas análises de fragmentos da obra, Bueno explicita como o uso do itálico por Anzaldúa “tem uma função bastante clara: marcar a diferença na materialidade textual”, em que “as palavras em espanhol surgem vez por outra, grafadas em itálico – o que promove um encontro entre línguas supostamente diferentes” (BUENO, 2016, p. 127). Dessa forma, para manter esse gesto do original, Bueno mantém o uso desse recurso em seus textos meta com predominância do português, ressaltando “o caráter de estranheza assumido pelo idioma espanhol” (BUENO, 2012, p. 49). Assim, em seus exercícios tradutórios, destaca “o uso do itálico como recurso gráfico e marcador de ‘estranheza’” (BUENO, 2016, p. 127).

Igualmente, para marcar e explicitar essa diversidade linguística e cultural no texto traduzido, Godayol propõe, em suas traduções de poemas chicanos para o catalão, o uso de itálico nas palavras em inglês e em espanhol:

Por um lado, temos as palavras americanas e mexicanas marcadas tipograficamente em itálico no texto original, que podemos optar por deixar na mesma língua, respeitando, assim, as escolhas das autoras. Por outro, há as palavras e expressões compensatórias em inglês e em espanhol mexicano que são introduzidas nos textos em que predomina o catalão, com o objetivo de tornar mais explícita a diversidade linguística e cultural dos espaços chicanos. Este último uso do itálico é subjetivo e ideológico, muito intervencionista por parte do/a tradutor/a, que opta por introduzir vocabulário, expressões, arcaísmos e/ou calcos do inglês, para compensar ou se adequar à linguagem falada no Tex-Mex. (GODAYOL, 2008, p. 22, tradução nossa)<sup>162</sup>.

<sup>162</sup> “Por un lado, tenemos las palabras americanas y mexicanas marcadas tipográficamente en cursiva en el texto originario, que se puede optar por dejar en la misma lengua, respetando así las opciones de las autoras. Por el otro, existen las palabras y expresiones compensatorias en inglés y en español mexicano que se introducen en los textos en los cuales domina el catalán, con el objetivo de hacer más explícita la diversidad lingüística y cultural de los espacios chicanos. Este último uso de la cursiva es subjetivo e

O exemplo abaixo ilustra essa estratégia do uso de itálico para marcar a alternância de línguas e a presença do Outro no texto meta:

Texto original	Texto traduzido
And so los oprimidos del mundo continue to become los liberadores	E então <i>los oprimidos del mundo</i> se tornam os libertadores
in the true progress of cosas (VALDEZ, 1990, p. 172)	no verdadeiro <i>progress</i> das coisas

Nota-se que as palavras, expressões e frases em itálico marcam a diferença entre as línguas, marcam as mudanças de um idioma a outro e explicitam como a composição do texto, a sua montagem, é realizada por meio do encaixe de peças provenientes de diferentes origens. Esse gesto pode parecer mais estrangeirizador, no entanto, podemos pensar que essa mesma marcação delimita e evidencia uma distância, uma separação, e estabelece uma relação individualizada, justaposta e fronteirizada entre línguas, sujeitos e culturas, e não uma relação de integração, de organicidade, de diálogo e de contato efetivo, sem barreiras para diferenciar o território e o domínio de cada língua, sujeito e cultura. A marcação, então, vista por outro ponto de vista, pode funcionar, no espaço e na geografia instaurados pelo texto de chegada, como um muro, uma fronteira que divide, uma linha que separa, anulando possibilidades de criação de pontes, de espaços de conexão e convivência, de outras territorialidades.

Por essas razões, apesar de defender o uso do itálico para “diferenciar aquilo que pertence ao código dominante daquilo que pertence ao código subversivo” (GODAYOL, 2008, p. 23, tradução nossa)<sup>163</sup>, essa autora, para construir de forma mais orgânica essa junção de línguas, sujeitos e culturas, recomenda o não uso de recursos como aspas, itálico ou negrito, com o objetivo de incorporar os elementos em outras línguas como parte integrante da língua predominante na tradução, como algo orgânico, simétrico, sem distinção, hierarquia ou atribuição de valores entre elas; ou seja, para tratar a diferença como parte inerente e constitutiva do todo, e não como algo externo ou agregado a outro, superior ou inferior:

outra possível opção tradutória que reproduziria mais fielmente a oralidade

---

ideológico, muy intervencionista por parte del traductor(a), que escoge introducir léxico, expresiones, arcaísmos y/o calcos del inglés, para compensar o adecuarse al lenguaje hablado en el Tex-Mex.”

<sup>163</sup> “distinguir entre lo que pertenece al código dominante y lo que pertenece al código subversivo.”

chicana seria não marcar o texto. Ou seja, misturar catalão, espanhol mexicano e inglês, sem diferenciar tipografias. Nesse caso, o público leitor seria obrigado a negociar com o texto de outra forma. Desapareceria, textualmente falando, a posição de desequilíbrio entre código dominante e código subversivo. Surgiria uma harmonia ilusória, uma aparente paisagem de ordem capciosa, mas que, ao mesmo tempo, questionaria e desconstruiria três línguas e culturas. (GODAYOL, 2008, p. 23, tradução nossa)<sup>164</sup>.

Vejamos como fica o exemplo anterior com a alternância de línguas não marcada com itálico, seguindo, inclusive, o modo como essa alternância aparece no original:

Texto original	Texto traduzido
And so los oprimidos del mundo continue to become los liberadores	E então los oprimidos del mundo se tornam os libertadores
in the true progress of cosas (VALDEZ, 1990, p. 172)	no verdadeiro progress das coisas

Neste fragmento, tem-se a manutenção de uma frase acessível ao leitor (“los oprimidos del mundo”), em que figuram palavras que lhe são familiares e que o aproximam do texto original; se antes, as palavras “oprimidos” e “mundo” marcadas em itálico delimitavam o idioma a que pertencem e o território em que estão, agora, não marcadas em itálico, não delimitam sua origem, seu lugar de pertencimento, como um ou outro, pois imbricam em si as duas línguas/culturas, os dois territórios, assumindo um status híbrido, e criando/ocupando outro território, um espaço fronteiro/mestiço, assim como o original e a sua tradução. Há também aqui a manutenção da palavra “progress” em inglês, para incluir o outro idioma envolvido na relação, e compensar a tradução de “cosas”, já que o espanhol já tinha aparecido um pouco antes no texto, na frase mantida. A palavra usada (“progress”) é próxima das demais línguas (português e espanhol), principalmente não estando em itálico, o que a torna quase como pertencente a elas, sendo, assim, de fácil acesso ao leitor meta, e estabelecendo um diálogo em que o original é trazido para perto dele, e vice-versa.

Nessa perspectiva, quando não se usa o itálico ou qualquer outro tipo de

<sup>164</sup> “otra posible opción traductológica que reproduciría más fielmente la oralidad chicana sería no marcar el texto. Es decir, mezclar catalán, español mexicano e inglés, sin distinguir tipografías. En este caso, el público lector se vería obligado a negociar con el texto de otra manera. Desaparecería, textualmente hablando, la posición de desequilibrio entre código dominante y subversivo. Surgiría una armonía engañosa, un aparente paisaje de orden capcioso, pero que a la vez cuestionaría y deconstruiría tres lenguas y culturas.”

marcação para a mudança de idiomas, não se individualiza a diferença, não se separam as línguas. Tal gesto pode ser ainda mais estrangeirizador, pois não se gera um distanciamento ou uma fronteirização entre elas, mas sim uma integração, uma maior organicidade, um diálogo e um contato efetivo com o Outro. Cria-se, então, uma fusão, uma junção e um compartilhamento de territórios e domínios entre línguas, sujeitos e culturas, funcionando como uma ruptura, uma subversão de fronteiras e muros. Instaura-se uma ponte que une e integra, um espaço comum de convivência e conexão, de fusão e hibridação.

Essa discussão nos conduz a outra estratégia que fomenta e concretiza esses mesmos questionamentos, deslocamentos e experiências: o uso de traduções literais (de termos, palavras, expressões, fragmentos, refrões, frases feitas, ditos populares, expressões idiomáticas etc.) de uma língua a outra. Nesse caso, uma língua se faz presente “dentro” da outra, habitando-a (OCAÑA; ZARO, 2014, p. 266), por meio de cruzamentos léxicos, sonoros, morfológicos, sintáticos, morfossintáticos e semânticos, entre as línguas. Vejamos um exemplo desse recurso:

<b>Texto original</b>	<b>Texto traduzido</b>
IN LAK'ECH: Si te amo y te respeto a ti, me amo y me respeto yo; si te hago daño a ti, me hago daño a mí. (VALDEZ, 1990, p. 174)	IN LAK'ECH: Se eu te amo e te respeito a ti, eu me amo e me respeito a mim; se eu te faço mal a você, eu me faço mal a mim.

Apesar de todo o texto traduzido estar em português, o espanhol usado no original está presente no exemplo acima, por meio de um fenômeno incomum no português: o uso reduplicado de pronomes complemento. Desse modo, o hibridismo linguístico-cultural se manifesta de forma indireta, imbricada e orgânica, pois a língua espanhola habita e ocupa a língua portuguesa: esta última predomina no âmbito externo do texto – e se reafirma na inserção dos pronomes sujeito, frequentes no português brasileiro –, mas é guiado no âmbito interno pelo espanhol do texto fonte, que faz manifestar no tecido externo do português o fenômeno antes citado. O resultado dessa tensão, desse encontro é um texto meta estrangeirizado de modo indireto e velado, um texto meta que ao mesmo tempo é familiar e estranho para o leitor meta, que, também ao mesmo tempo, se sente confortável por lidar supostamente apenas com sua língua, mas também é desafiado e instigado a lidar com uma versão diferenciada dela, não tão natural e fluida, pois há indícios e sinais da presença do Outro ali.

Gestos tradutórios como a não marcação com itálico ou outro recurso gráfico

e o uso de traduções literais situam o texto meta na fronteira entre a tradução e a não- tradução, podendo ser lido de dois ou mais modos, em duas ou mais línguas/culturas ao mesmo tempo, assim como o próprio texto fonte. Tais gestos exercem em si mesmos a condição chicana, e a materializam no texto traduzido, assim como a própria proposta do texto de Valdez, já que concretizam o preceito que é sua base primordial: “IN LAK’ECH: *Você É Meu Outro Yo, My Self*”. Levam, dessa forma, o leitor meta – e os sujeitos representados pelo texto fonte – a uma situação de reelaboração e redefinição de identidade, em que meu texto é seu texto, e vice-versa, minha língua é sua língua, e vice-versa, eu sou você e você é eu, passando a serpentear e habitar ao mesmo tempo duas ou mais línguas, duas ou mais culturas e identidades, dois ou mais espaços, dois ou mais textos, em uma experiência de encontro, diálogo, fusão, hibridação, mestiçagem e chicanização que segue, assim, o que diz e preconiza o próprio texto de Valdez:

<b>Texto original</b>	<b>Texto traduzido</b>
Because you that read this are me and I who write this am you (VALDEZ, 1990, p. 174)	Porque você que lê isto é eu e eu que escrevo isto sou você

Como se pode constatar pelos exemplos discutidos ao longo das páginas anteriores, as estratégias apresentadas neste estudo permitem produzir uma tradução que não seja assimilatória, monofônica e homogeneizadora, mas sim híbrida, polifônica, heterogeneizadora, selvagem, indomável, serpentina. Uma tradução que traga o Outro para minha casa, meu texto, minha língua, e me leve à sua casa, ao seu texto, à sua língua. Um texto de chegada que crie um espaço novo, comum e compartilhado de convivência, de diálogo, de comunicação, de conversa. Um texto meta que recrie e reconstrua minha identidade e a do Outro, em conexão, em um contato e um confronto que faça com que cada um se livre da velha casca e passe a ser também o Outro, resultando em sujeitos renovados, com uma nova pele. Enfim, uma tradução que seja recriação e ato político, que reformatize os atos, gestos, estratégias e ações do texto fonte, assumindo que

Alcançar a compreensão total é tão impossível quanto obter a tradução perfeita, mas nosso objetivo estará mais próximo se nos envolvermos e considerarmos que a tradução dessas literaturas só pode ser feita a partir de um espaço de compreensão e de diálogo no qual nos deixemos contagiar pelo espírito híbrido do original. (PONZ, 2010, p. 95, tradução nossa)<sup>165</sup>.

<sup>165</sup> “Lograr la comprensión total es tan imposible como conseguir la traducción perfecta, pero nuestro objetivo estará más cerca si nos implicamos y tenemos en cuenta que la traducción de estas literaturas

## Referências

- BOJANINI, Lina. Traducción al español de una voz de “El Barrio” - *Rituals of Survivors* de Nicholasa Mohr. **Mutatis Mutandis**, v. 1, n. 1, p. 25-33, 2008.
- BUENO, Thaís Ribeiro. **To see with serpent and eagle eyes: tradução e literatura chicana**. 2012. 82 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Literatura chicana e tradução – transbordamentos e aproximações à Frontera**. 2016. 174 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.
- CARRA, Nieves Jiménez. Estrategias de cambio de código y su traducción en la novela de Sandra Cisneros *Caramelo or Puro Cuento*. **Trans. Revista de Traductología**, n. 8, p. 37-59, 2004.
- \_\_\_\_\_. La traducción del cambio de código inglés-español en la obra *The Brief Wondrous Life of Oscar Wao*, de Junot Díaz. **SENDEBAR**, n. 22, p. 159-180, 2011.
- \_\_\_\_\_. ¿Traducir o no traducir? La presencia del cambio de código en la literatura latina en Estados Unidos y su influencia en la traducción. In: CONGRESO DE LA SOCIEDAD ESPAÑOLA DE LENGUAS MODERNAS, 2013, Sevilha. **Actas III Congreso de la Sociedad Española de Lenguas Modernas**. Sevilha: Editorial Bienza, 2013. p. 127-143.
- GARCÍA VIZCAÍNO, María José. Cisneros’ Code-Mixed Narrative and its Implications for Translation. **Mutatis Mutandis: Revista latinoamericana de Traducción**, v. 1, n. 2, p. 212-224, 2008.
- GODAYOL, Pilar. *We’re mericans*: apuntes sobre la traducción de literatura chicana al catalán. **Transfer**, v. 1, n. III, p. 18-26, mayo 2008.
- JOYSMITH, Claire. Bordering culture. Traduciendo a las chicanas. **Voices of México**, n. 37, p. 103-108, 1996.
- OCAÑA, Marianella Quintero; ZARO, Juan Jesús. Problemas y estrategias de traducción del cambio de código en la literatura chicana al español. El caso de *From This Wicked Patch of Dust* de Sergio Troncoso. **Núcleo**, n. 31, p. 247-273, 2014.
- PONZ, María López. Cruzar la frontera: un acto de traducción. **Alfinge**, n. 19, p. 133-146, 2007.
- \_\_\_\_\_. Escritoras híbridas, traducciones dobles y la influencia del poder en el proceso traductor. **Trans. Revista de Traductología**, n. 14, p. 83-98, 2010.

---

*sólo puede hacerse desde un espacio de comprensión y diálogo en el que nos contagiemos del espíritu híbrido del original.”*

SLOAN, Dennis. **From La Carpa to the classroom: the chicano theatre movement and actor training in the United States.** 2020. 341 f. Tese (Doutorado em Teatro e Cinema) – Department of Theatre and Film, Bowling Green State University, Bowling Green-OH, 2020.

VALDEZ, Luis. **Early Works: Actos, Bernabé and Pensamiento Serpentino.** Houston, Texas: Arte Público Press, 1990.

Página | 313

XAVIER, Roy Eric. Politics and Chicano Culture. Luis Valdez and El Teatro Campesino, 1964-1990. In: MONTEJANO, David. (Ed.). **Chicano Politics and Society in the Late Twentieth Century.** Austin, Texas: University of Texas Press, 1999. p. 175-200.

## STRATEGIES FOR CHICANO LITERATURE TRANSLATION

### Abstract

Página | 314

Constituted from the contact between the Hispanic culture of Mexico and the Anglo-Saxon culture of the United States, the Chicanos are a people that wants to assert themselves as an autonomous, hybrid and mixed-race community, therefore, as something new and different in the U.S. context. From their multiple cultural matrix, the Chicanos come up with another way of speaking and of expressing themselves, their world and their worldview, and the hybrid language that arises has a remarkable presence in this group literature, whose general purpose is to represent, (re)elaborate and express the Chicano identity. Their literature also fulfills the function of a denouncing instrument, one of struggle and resistance for their community, and brings the voice of the Chicano being, materialized by its authors in the use they make of this multiple and plural language, foundation of these subjects. Chicano literature, thus, is part of the great movement for Chicano assertion, constituting to this ethnic group an important resource for identity construction and sociocultural resistance. The purpose of this study is to present a set of strategies for translating texts from Chicano literature, doing this through a translation exercise of the text *Pensamiento Serpentino*, by the Chicano playwright Luis Valdez.

### Keywords

Chicano literature. Chicano literature translation. Luis Valdez. *Pensamiento Serpentino*.

---

Recebido em: 10/01/2021

Aprovado em: 14/04/2021